

Língua Materna ou dos sabores dos seus sentidos

Henrique Barroso
(Universidade do Minho)
hbarroso@ilch.uminho.pt

Vem este título a propósito do Dia Internacional da Língua Materna, que se celebra a 21 de Fevereiro, e que este ano a Universidade do Minho, através do Instituto de Letras e Ciências Humanas (mais propriamente, do Grupo MAVE), não quis deixar de assinalar. Bem pelo contrário: convidou um par de Escolas dos Ensinos Básico e Secundário da região e propôs-lhes duas mesas-redondas, moderadas por Micaela Ramon (a representante do Departamento de Estudos Portugueses naquele Grupo), a saber: «Percurso Profissionais de Licenciados em Português Língua Materna», de manhã, e «Encontro com Escritores», de tarde (que a RUM gravou e transmitiu – com cortes –, respectivamente, nos dias 2 e 9 de Março, no programa “Universidade sem Muros”, que tem lugar aos domingos entre o meio-dia e as treze horas).

Porque, em 2001, publiquei um livro de poemas (*Pondras de Pedras Soltas*. Braga: Calidum), fui convidado para participar como orador na segunda mesa-redonda e – ao lado de Sara Costa, Ana Salomé e Jorge Pimenta, poetas e amigos – falar da minha experiência na relação com a Escrita, mas também Leitura, Ensino e Aprendizagem da Língua Materna.

Logo após uma apresentação breve dos seus convidados, a moderadora deu início ao debate interpelando-nos directa e/ou indirectamente, sem deixar, naturalmente, de dar espaço ao auditório para colocar eventuais questões e/ou fazer os seus próprios comentários.

Assim, dado que nos foi proposto começarmos por nos pronunciar sobre o momento primeiro de escrita literária (ou tendencialmente desta natureza), pela minha parte, adiantei que havia encetado esta actividade na juventude e não, como habitual ou frequentemente acontece, na adolescência (a fase etária da quase totalidade do auditório). Que o fazia/faço de modo irregular, isto é, que não escrevo todos os dias ou, até, que fico à espera, sentado, que me ocorra um alinhamento de versos a que se pode chamar ‘poema’. Não. Normalmente, quando e porque qualquer coisa mexe comigo, acontecem-me mais sinapses que desembocam, não

sempre mas quase, em poemas que saem já praticamente construídos da mente, limitando-me, na generalidade dos casos, a tomar nota dessas sequências de palavras/ideias ou, inversamente, ideias/palavras que, a não registrar, diluir-se-iam. Para além disso, que não me considerava/considero um poeta propriamente dito, mas mais um escrevente de apontamentos literários.

Interpelados, a seguir, sobre se tínhamos sido bons alunos a Português (a nossa Língua Materna) e se este aspecto tinha, de algum modo (ou, mesmo, decisivamente), contribuído para o desenvolvimento da escrita literária, referi que havia sido um aluno razoável nessa disciplina (bem como noutras) e um pouco melhor na de Literatura Portuguesa, e que esta formação inicial combinada com a informação e formação, subsequentes, em Estudos Clássicos e Portugueses contribuíram/contribuem necessariamente para uma produção (literária ou de outra natureza) mais rigorosa, mais criteriosa, enfim, com maior mestria.

Falámos, depois, do modo como damos a conhecer o que escrevemos. No meu caso concreto, relatei que fui batendo, sem desistir nunca, a várias portas, até que uma acabou por se abrir – isto, e para já, para o primeiro e único volume de poemas publicado (a que atrás aludi). Para além deste meio (para mim, o suporte por excelência), outros poemas têm sido divulgados na imprensa (*Diário do Minho/Braga*, por exemplo), em periódicos literários (*Poetas & Trovadores/Guimarães*) e, uma vez (caso único), um poema foi publicado na sequência de um prémio atribuído num concurso literário (*Concurso Nacional de Poesia Agostinho Gomes – A Escrita dos Outros*. Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis – Pelouro da Cultura, Novembro de 2004).

Reflectimos, noutro momento do debate, sobre a importância da Leitura no processo de Ensino/Aprendizagem da Língua Materna, ou seja, que ler, ler muito, ler textos variados (tipológica e tematicamente) e ler “bons” autores representa uma capitalização sem igual: é que, desta forma, compreende-se melhor o mundo, a começar pelo que está à nossa volta, pelo que nos é próximo ou familiar. Por outras palavras: as janelas dos sentidos (visão, audição, etc.) abrem-se para o mundo tentando percebê-lo, isto é, dando-lhe linguisticamente sentido(s).

Por fim, sondados se alguma vez havíamos tentado escrever noutras línguas, eu, apesar de o ter pontualmente feito (um poema em alemão e dois em francês), notei que é em Português que mais e melhor consigo dizer o que sinto. Aliás, estou convencido de que é apenas na Língua Materna que se é capaz de apontar para e/ou

dizer todos os sentidos, tanto os *expressivos* quanto os de *conteúdo* (Hjelmslev, Eco), ou seja, os que têm a ver, por um lado, com o aproveitamento do material significativo e, por outro, com a explosão de sentidos que emanam desse mesmo significativo. A Língua Materna é, pois, o instrumento que melhor penetra (implicitando ou explicitando-os) nos meandros das duas tipologias de *sentido*.

Escrevo por necessidades e/ou impulsos vários, sobretudo para perceber a existência, mas também (muito frequentemente) para a distrair.

Para concluir, e continuando a fazer jus ao título deste pequeno apontamento e, ainda, porque foi visionado um pequeno filme em que se ouvia Vânia Coelho (a *disease* de serviço) a declamá-los, transcrevo aqui os poemas, incluídos todos em *Pondras de Pedras Soltas*, e que, ao menos para mim, representam – pois emanam deles também diferentes energias – distintos poderes, designadamente:

(i) o poder da Poesia (para além do estatuto do Poeta): ‘embalamento’, ‘enlevo’:

Poeta e Poesia

Saber escutar as notas
Da interioridade
É ser Poeta.

Fazer com elas
Uma partitura
É Poesia.

(ii) o poder do Amor: ‘transformação’/‘transmutação’, ‘paz’:

Tu II

Amar-Te
Não é pecado.

Amar-Te
Não é perder tempo.

Amar-Te
É estar bem.

(iii) o poder, mágico, das Coisas Simples, da Natureza a operar naturalmente: ‘mistério’, ‘encantamento’, ‘Beleza’:

Perfeição

Uma gaiola.

Um pombo. Uma pomba.

Dois pombos...

Um dentro. Outro fora.

Um trocho. Muitos trochos.

Um ninho...

Uma bicada. Outra bicada.

Muitas bicadas.

Um amor...

Um ovo. Outro ovo.

Dois ovos...

Um choco alternado.

Três semanas apenas e...

Um borracho. Outro borracho.

Dois borrachinhos...

Uma ternura misteriosa!...

Braga, 29 de Março de 2008